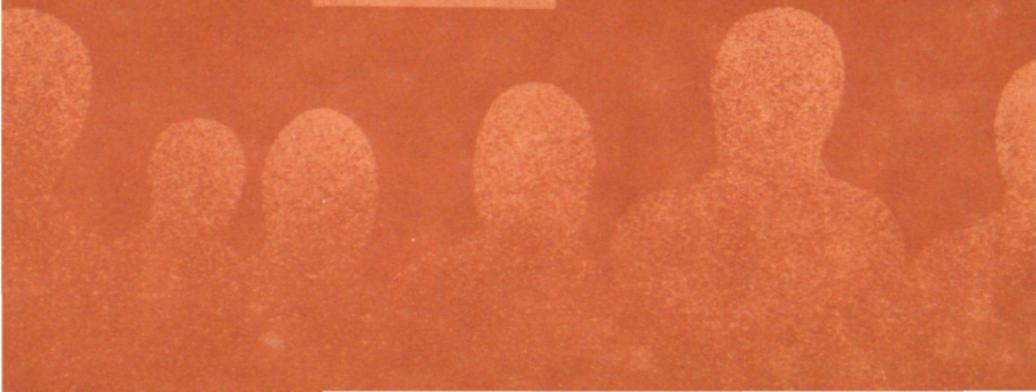


A QUE DEVEMOS SER LEAIS.

William MacDonald



**A QUE
DEVEMOS
SER LEAIS?**



William MacDonald

A que devemos ser leais?
William MacDonald

Tradução:
Phillip Nichols

1ª edição brasileira:
1973
2ª edição brasileira:
dezembro de 1988

Publicado no Brasil, com a devida autorização e
com todos os direitos reservados, por
EDIÇÕES CRISTÃS
Caixa Postal 400
19900 – OURINHOS – SP
BRASIL

ÍNDICE

Assunto	Página
A que devemos ser leais?	07
A unidade do Corpo	12
Todos os crentes são membros	15
Cristo, o Cabeça da Igreja	19
O sacerdócio de todos os crentes	20
Sobre um ministério feito por um só homem	22
A presidência do Espírito Santo	26
Cada igreja é independente e responsável a Cristo	29
A função dos dons na igreja	31
A igreja local	34



CAPÍTULO 1

A QUE DEVEMOS SER LEAIS?

O que você acha da pessoa que diz: "Meus pais eram membros desta denominação. Eu nasci nela e morrerei nela"?

"Ah!", você diz. "Eu acho que está errada em dizer assim".

"Sim, mas por que está errada?"

"De certo porque ela assume que a sua denominação está certa e sempre estará certa".

"Bem, então a qual denominação ou grupo esta pessoa deve ser leal?"

"Parece que ela não deve ser leal a denominação alguma, porque nenhuma denominação é perfeita".

"Uma pergunta final. Se ela não deve ser leal a nenhuma denominação ou grupo de crentes, a que ela deve ser leal?"

"Ela deve ser leal ao Senhor e aos princípios da Sua Palavra".

Sim, é claro! Esta é a única resposta correta. É um erro desenvolver uma lealdade imperecível para com qualquer comunhão cristã, mesmo que seja uma comunhão que siga fielmente as Escrituras.

Vamos até supor que você rejeite a idéia de

denominações. Vamos supor que você se reúna com crentes que recusam qualquer nome sectário. Vamos supor, por exemplo, que se refiram a si mesmos com o inócuo nome de “as igrejas cristãs” e que procuram aderir ao ensino da Palavra. Não deveria ficar permanentemente com eles e ser leal somente a eles?

Se assim fizer, vai-se encontrar numa posição difícil. Estará comprometido com um grupo que vai, quase inevitavelmente, mudar com o passar dos anos. Esta tem sido a história de quase toda comunhão cristã. Tendências liberais começam a entrar. O zelo dá lugar ao formalismo. Uma hierarquia começa a desenvolver-se. Logo, toda a glória terá partido.

E se você é leal a um grupo de igrejas locais, sempre surge a pergunta: “Com quais, em particular, você concorda?” Há grandes diferenças entre igrejas locais de um mesmo grupo, da mesma maneira que há grandes diferenças entre indivíduos. Alguns são abertos; outros são exclusivistas. Alguns são conservadores; outros são liberais. Alguns têm um pastor que preside sobre a congregação; outros repudiam um ministério feito por um único homem. Não há duas igrejas exatamente iguais.

Então, realmente, há um problema. Devemos ser leais a quais igrejas locais? Devemos seguir cegamente as igrejas locais que talvez estejam alistadas numa relação semi-oficial de endereços? Parece ser óbvio que não podemos fazer isto consistentemente. Temos que julgar cada igreja local

individualmente pela Palavra de Deus, quando se tratar de nossa afiliação pessoal.

Aqui há outro problema. Se a minha lealdade é para com um certo grupo de igrejas locais, qual deve ser a minha atitude para com outros grupos cristãos que podem talvez em algum ponto estar mais chegados ao modelo do Novo Testamento do que eu? Como faço para avaliá-los? Simplesmente desprezo-os, dizendo: "Eles não estão entre 'nossas' igrejas"? Aceito-os ou rejeito-os por saber que as suas atividades são ou não são noticiadas em alguma das "nossas" revistas?

Existe também a questão dos trabalhadores cristãos "fora do nosso círculo". Como fazemos para avaliá-los? Perguntamos: "Ele foi recomendado por uma de nossas igrejas locais", "ele é do nosso grupo"? Ou perguntamos se ele está servindo ao Senhor de acordo com os princípios do Novo Testamento?

Certamente, o modo mais fácil de julgar indivíduos ou grupos é saber se estão ou não estão em "nosso grupo". Isto não requer discernimento ou exercício espiritual. Mas é uma base de julgamento falsa e perigosa. Toma o lugar da Palavra de Deus como autoridade final. Assume uma prioridade que leva a pensar que "nós" estamos certos em nossa posição e que todos os outros é que devem conformar-se conosco. Leva à inconsistência, ao embaraço e à confusão.

Os cristãos precisam ser ensinados a testar tudo pelas Escrituras. Esta é a nossa única autori-

dade. A pergunta não é: “Como fazemos em nossas igrejas locais?”, mas “o que a Bíblia ensina?”

Nossa lealdade deve ser sempre para com o Senhor e para com os princípios da Sua Palavra. E nunca devemos supor cegamente que qualquer grupo de crentes esteja com o monopólio da verdade, aderindo ao Novo Testamento por completo e livre de vagüeiro ou de afastamento.

Cada geração precisa vigiar contra o perigo e cair num modo de pensar relacionado ao denominacionalismo ou sectarismo. Através dos séculos já houve grandes movimentos do Espírito Santo, dos quais certas verdades têm sido recuperadas do entulho da tradição, do formalismo e do ritualismo. A primeira geração, isto é, aqueles que estavam vivos no tempo destes movimentos, tem sido inteligente em relação aos princípios bíblicos envolvidos. Mas a segunda e a terceira gerações tendem a seguir o sistema rotineiramente porque seus pais estavam nela e porque eles mesmos foram criados nela. Tem havido uma decadência da verdadeira convicção e uma aumentada ignorância com respeito à base bíblica do modelo que é seguido.

A história da maioria dos movimentos espirituais tem sido apropriadamente descrita na série de palavras: homem—movimento—máquina—monumento. No começo, há um homem ungido de um modo especial pelo Espírito Santo. Enquanto outros são levados à verdade, um movimento começa a desenvolver-se. Mas com a segunda ou terceira gerações, as pessoas estão seguindo um sistema com

precisão sectária, comparável a uma máquina. Finalmente não se tem nada mais a não ser um monumento denominacional sem vida.

Se você fosse perguntar a um conjunto de cristãos: "Por que vocês se reúnem desta maneira?", quantos você acha que poderiam dar uma clara resposta bíblica? Bem poucos! Há ignorância por toda parte quanto à verdade da Igreja do Novo Testamento e, portanto, há uma falta geral de convicção em relação ao assunto. Como podemos ter convicções fortes a respeito de uma coisa que não conhecemos ou que não compreendemos?

Numa igreja local sadia que segue o Novo Testamento, os que estão em comunhão sabem porque estão ali. Eles não são seguidores de homens, mas são cristãos que estão firmados na verdade do Evangelho e da Igreja. Estão preparados a julgar tudo pela Palavra. Eles não estão inalteravelmente comprometidos com qualquer grupo de igrejas, em particular. Se tendências se desenvolverem que não sejam bíblicas e que desonrem ao Senhor, eles procurarão ser guiados pelo Espírito Santo à companhia daqueles que se reúnem em obediência às Escrituras.

Vamos examinar algumas das grandes verdades que são encontradas em o Novo Testamento e para as quais devemos ser leais.



CAPÍTULO 2

A UNIDADE DO CORPO

Uma das verdades mais óbvias é a unidade do Corpo de Cristo. Há somente um Corpo e somente uma Igreja (Efésios 4.4).

Sendo isto verdade, todos os crentes são responsáveis a testemunhar disto. Ao nos reunirmos, devemos dar uma manifestação prática disto. Nada do que façamos ou digamos deve negar esta verdade.

Muitos crentes vêem claramente que seitas e denominações são uma negação da verdade de um só Corpo (1ª Coríntios 1.10-13; 3.3). As seitas criam a impressão de que Cristo está dividido e, portanto, não representam a verdade da Palavra de Deus. Muitos de nós vemos isto claramente e recusamos tais nomes como: batista, luterano, metodista ou presbiteriano.

Mas nem sempre vemos que qualquer nome que nos separa dos outros membros do Corpo é divisório e que está em desacordo com as Escrituras. Quando alguns crentes se identificarem com o nome de Igreja Cristã, Casa de Oração, Igreja Evangélica, Irmãos Unidos ou Irmãos Cristãos, estão cometendo o mesmo erro que os outros que se chamam de presbiterianos ou de pentecostais.

Também, Irmãos, escrito com I maiúsculo, im-

plica que há alguns crentes que não são irmãos, ou que alguns são irmãos de um modo diferente. Ouvimos pessoas perguntar: "Ele faz parte dos Irmãos?" ou dizem tristemente: "Ele deixou os Irmãos". A verdade é que, se for salvo, ele faz parte dos irmãos e não pode deixá-los já que o crente é salvo eternamente.

Indubitavelmente, é certo que nos reunimos em nome do Senhor Jesus Cristo somente, mas na hora em que falamos de nós mesmos como "cristãos reunidos no nome do Senhor Jesus Cristo somente", significando que nós assim fazemos e outros não, nos tornamos uma seita.

Falar de qualquer grupo particular de crentes como sendo exclusivamente "o povo do Senhor" já mostra uma atitude sectária. Coloca-nos na mesma classe daqueles de Corinto que disseram: "Eu sou de Cristo", querendo dizer que eles eram de Cristo e que todos os outros estavam extraviados (1ª Co-ríntios 1.12).

Outro modo em que aparece a inconsistência está no hábito de falar de um grupo em particular de cristãos de uma cidade como "a Igreja Neo-Testamentária" naquela cidade. Ou falar de cidades ou de estados onde "não há Igrejas Neo-Testamentárias". Realmente, linguagem deste tipo é incorreta. A Igreja de uma cidade qualquer é composta de todos os crentes verdadeiros que estiverem ali. Nesta cidade pode haver várias reuniões de crentes. Pode haver também alguns crentes verdadeiros que não estão associados com uma comunhão local por

uma razão ou outra. Podem estar sendo disciplinados, por exemplo. Todos fazem parte da Igreja Neo-Testamentária desta cidade, mesmo que todos não se reúnem num lugar só.

Alguém vai dizer: “Bem, como posso distinguir a minha igreja neo-testamentária local das outras igrejas evangélicas na cidade onde moro?” A resposta é: “Em vez de dizer ‘a igreja’ da cidade onde moro, pode-se dizer a igreja neo-testamentária local que se reúne no bairro tal, na rua tal, ...” Assim você não terá negado a unidade do Corpo.

Nunca devemos esquecer que somos cristãos, crentes, discípulos e santos, como também o são todos os que já foram redimidos pelo precioso sangue de Cristo. Negar isto com qualquer forma de sectarismo, denominacionalismo ou exclusivismo é negar a verdade da Bíblia e ser culpado de carnalidade e de orgulho.



CAPÍTULO 3

TODOS OS CRENTES SÃO MEMBROS

Outra grande verdade na qual devemos tomar uma posição firme é que todos os crentes verdadeiros são membros do Corpo de Cristo e, portanto, são membros uns dos outros (1ª Coríntios 12.12-26). Assim sendo, é necessário que reconheçamos a todos os crentes como nossos irmãos e irmãs.

Não é sempre fácil fazer assim. Os homens têm erguido cercas. As pessoas são mais leais às suas próprias denominações do que ao Corpo de Cristo. Não reconhecem a unidade do Espírito.

Mas o problema não está inteiramente com as outras pessoas. Até em nossos próprios corações há muitas vezes o desejo de ser diferentes, de pensar que nós temos o monopólio da verdade da Igreja ou de alguma outra verdade. Muitas vezes achamos difícil agir como amigos dos que não pensam exatamente como nós. Em vez de nos regozijarmos quando outros são conduzidos a uma certa porção da verdade divina, magnificamos os modos em que ainda são diferentes de nós. E com frequência demasiada discutimos amargamente com aqueles que têm maneiras e crenças impressionantemente semelhantes às nossas.

Como podemos, então, manifestar ação prática da verdade que todos os crentes verdadeiros são membros do Corpo de Cristo?

Primeiramente, devemos amá-los porque pertencem a Cristo (1ª João 4.11). O fato que eles podem talvez diferenciar-se de nós em várias áreas de doutrina ou de prática não deve nos impedir de amá-los.

Também devemos orar por eles (1º Samuel 12.23). Isto é uma coisa que devemos fazer a favor de todos os homens, especialmente dos que são da família da fé.

Em terceiro lugar, devemos compartilhar com eles as verdades preciosas que Deus nos tem mostrado da Palavra (2ª Timóteo 2.2).

Isto não quer dizer que devemos adotar um programa de ação deliberado de "roubar ovelhas", isto é, que devemos entrar em outros grupos evangélicos com a finalidade específica de levar as pessoas para "a nossa própria comunhão". A Bíblia não nos chama para este ministério de divisão. Antes, em nosso contato individual com os outros e guiados pelo Espírito Santo, devemos ministrar Cristo a eles como o Centro do ajuntamento do Seu povo. Devemos "ensinar a todo homem em toda a sabedoria a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo" (Colossenses 1.28).

Não somente devemos amar os outros crentes, e orar por eles, e procurar edificá-los, mas devemos também aprender deles (1ª Coríntios 12.21). É um erro pensar que nós temos toda a verdade e

que não podemos ser beneficiados espiritualmente por aqueles que estão “fora da nossa própria comunhão”. Todo membro tem alguma coisa para contribuir para o resto do corpo. Quaisquer paredes feitas pelo homem que impeçam crentes de ajudar a outros crentes são contrárias à vontade de Deus.

Devemos também refrear-nos de críticas, ciúmes, tagarelices ou julgamentos (Lucas 6.37). Cada crente é um administrador do Senhor. Somos claramente proibidos de julgar os outros antes do tempo, ou seja, antes da vinda do Senhor (1ª Coríntios 4.5). Paulo pergunta: “Quem és tu, que julgas o servo alheio? Para o seu próprio Senhor está em pé ou cai” (Romanos 14.4). E quando Pedro ficou preocupado com o serviço de João para com o Senhor, Jesus lhe disse: “Que te importa? Quanto a ti, segue-me” (João 21.22).

Devemos regozijar-nos toda vez que Cristo for pregado, mesmo se não concordamos com os métodos e com os motivos. Paulo escreveu: “Alguns efetivamente proclamam a Cristo por inveja ou porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do Evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade; também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei” (Filipenses 1.15-18).

O fato de reconhecermos todos os crentes

verdadeiros como membros do Corpo **não** quer dizer que vamos adotar seus procedimentos e programas de ação. Somos responsáveis por obedecer a Palavra de Deus como Ele a tem revelado a nós. Podemos amar outras pessoas sem amar o sistema em que se encontram e sem fazer parte deste sistema. Quanto ao nosso próprio roteiro, devemos ser totalmente obedientes à Palavra de Deus. Quanto aos outros crentes, devemos ser tolerantes e pacientes.



CAPÍTULO 4

CRISTO, O CABEÇA DA IGREJA

Uma terceira verdade importante na qual devemos tomar uma posição firme é que Cristo é o Cabeça da Igreja (Efésios 5.23; Colossenses 1.28). Isto significa que devemos procurá-IO para direção e orientação nos afazeres da igreja local.

Nós todos entendemos que a verdade de Cristo ser o Cabeça é negada quando um papa, por exemplo, afirma ser o cabeça da Igreja aqui na terra. Mas nós precisamos vigiar contra o erro mais sutil de pensar que qualquer um de nós tem algum direito de dirigir os afazeres da igreja local.

É tão fácil afirmar que Cristo é o Cabeça e ainda manobrar, intrigar e agir dum modo carnal para conseguir a nossa própria vontade. Em vez de esperarmos nEle em oração e jejum, usamos prósperos métodos de negócios e a sabedoria deste mundo. Tudo isto é uma negação prática da Chefia de Cristo.

Se Cristo é o Cabeça, todas as coisas devem ser feitas sob a Sua direção e controle.



CAPÍTULO 5

O SACERDÓCIO DE TODOS OS CRENTES

Em seguida, há uma quarta verdade – a verdade que todos os crentes verdadeiros são sacerdotes. Em 1ª Pedro 2.4-5, aprendemos que somos sacerdotes santos e sacerdotes reais. Como sacerdotes santos oferecemos sacrifícios espirituais a Deus por intermédio de Jesus Cristo (v. 5). Estes sacrifícios incluem:

- a) O sacrifício dos nossos próprios corpos (Romanos 12.1-2);
- b) O sacrifício do nosso louvor (Hebreus 13.15);
- c) O sacrifício dos nossos bens (Hebreus 13.16).

Como sacerdotes reais proclamamos as virtudes dAquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (1ª Pedro 2.9). Isto significa que conta-se com todo crente para ser testemunha de Cristo, tanto pela sua vida quanto pelas suas palavras.

Como sacerdotes santos, entramos no santuário com o fim de adorar. Como sacerdotes reais saímos ao mundo com o fim de testificar.

A idéia que diz que adoração e serviço são as funções de um grupo especial, conhecido como o

clero ou como sacerdotes, é alheia ao Novo Testamento.

Todos os crentes são sacerdotes e devem estar livres para executar as suas funções sacerdotais.



CAPÍTULO 6

SOBRE UM MINISTÉRIO FEITO POR UM SÓ HOMEM

Há algumas igrejas locais que repudiam o sistema clerical, recusando o que poderia ser chamado de ministério feito por um só homem. Mas se você fosse pedir a muitos dos crentes naquelas igrejas para darem uma defesa bíblica de sua posição, eles não saberiam como responder.

Por que é errado usar o ministério de um só homem na igreja local?

A primeira razão é porque não é encontrado em o Novo Testamento. Nos tempos apostólicos, a igreja local consistia de santos, bispos e diáconos (Filipenses 1.1). Referência aos bispos ou anciãos sempre é feita no plural. Não encontramos um ancião sobre uma igreja, mas vários anciãos para cada igreja. Os historiadores da Bíblia concordam em dizer que o sistema clerical surgiu no segundo século e que não era encontrado nas igrejas do Novo Testamento.

Em segundo lugar, o sistema clerical geralmente ignora o motivo para o qual os dons de evangelista, pastor e mestre foram dados à Igreja. A função destes dons é de edificar os santos para o serviço do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo (Efésios 4.12). Em outras palavras, o serviço

cristão não é função de uma única classe, mas é a responsabilidade de todos os crentes. Somente quando cada um cumprir a sua função é que o Corpo vai-se desenvolver e amadurecer. A função dos dons dados em Efésios 4.11 é de edificar os santos ao ponto de estarem altamente desenvolvidos como membros do Corpo. Estes dons são, pois, auxiliares provisórios e não coisas permanentemente ligadas a um lugar.

Quando um só homem é responsável por todos os ensinamentos e pregações numa igreja local, sempre há o perigo de as pessoas se reunirem a ele e não ao Senhor. Se um homem é especialmente dotado, as pessoas ficam afeiçoadas às suas pregações. Frequentam as reuniões porque ele está ali. Se ele for embora por alguma razão, eles são capazes de segui-lo ou, se isto não for possível, vão para outro lugar à procura de outro homem talentoso.

Cristo deve ser o Centro do ajuntamento de Seu povo (Mateus 18.20). Devemos ser atraídos pela Sua presença e não por um homem. Quando os crentes virem isto e agirem conforme isto, a igreja local não precisará ser abalada com a retirada de homem algum. Uma igreja local onde os crentes se reúnem a Cristo tem força, estabilidade e solidariedade.

Quando a maioria dos ensinamentos da igreja local é feita por um só homem, existem também perigos potenciais. As pessoas têm a tendência de aceitar a sua palavra como a de autoridade. Se não estive-

rem estudando as Escrituras, não estão em boa posição para discernir o erro.

Além disso, nenhum homem sozinho é capaz de fornecer a diversidade de ministério que é possível receber quando o Espírito Santo tem a liberdade de falar por meio de vários homens. Devemos estar preocupados não somente com um ministério doutrinariamente correto, mas também com um ministério que forneça uma variedade equilibrada para o povo de Deus. A determinação feita pelas Escrituras é: "Falem dois ou três profetas e os outros julguem" (1ª Coríntios 14.29).

O ministério de um único homem sufoca muitas vezes o desenvolvimento de dons na igreja local. Não há a mesma oportunidade para todos participarem. Alguns pastores insistem em ficar com a maior parte do serviço. Ressentem-se quando alguém se intromete no serviço deles. Mas, mesmo quando o caso não for este, mesmo quando os pastores gostem de ver os outros participando, a natureza do sistema clerical não dá animação ao chamado leigo para o desenvolvimento de seus dons provenientes de Deus.

Quando um homem é assalariado pela congregação local como pregador, há muitas vezes a sutil tentação de dar uma aparência ilusória quanto ao conteúdo da mensagem. Não deveria ser assim, mas o fato é que, ao controlar o salário do pastor, a congregação muitas vezes deixa de receber o pleno conselho de Deus.

Reconhecemos que há muitos grandes ho-

mens de Deus no sistema clerical que pregam fielmente o Evangelho, que ensinam a Palavra e que procuram pastorear as ovelhas de Cristo. E Deus os está usando.

Também reconhecemos que há muitos destes pastores que não têm o espírito clerical. Eles têm um desejo sincero de ajudar os santos de toda maneira possível e de guiá-los por meio do exemplo.

E também reconhecemos que é possível para alguém que não é pastor ter o espírito clerical. Em 3ª João 9-11, por exemplo, lemos de Diótrefes que agiu como um tirano numa igreja local.

Mas permanece o fato que o sistema clerical é basicamente errado e em desacordo com as Escrituras. O mundo nunca será evangelizado do modo que Deus intencionou e a Igreja nunca ficará edificada de acordo com o divino plano enquanto for mantida a distinção entre clero e leigos.



CAPÍTULO 7

A PRESIDÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO

Outra verdade vital que cada igreja local é obrigada a manter e praticar é a presidência do Espírito Santo (João 14.16, 26). Isto significa que o Espírito Santo é o representante de Cristo na Igreja sobre a terra. Ele é Aquele a Quem deve ser permitido dirigir o povo de Deus em oração, louvor e adoração. Ele deve ter a liberdade para falar por meio dos servos que Ele mesmo escolher, de acordo com as necessidades espirituais do povo de Deus.

Em 1ª Coríntios 14.26, temos uma figura de uma reunião da Igreja Primitiva, na qual havia esta liberdade do Espírito. "Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele outra língua e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para a edificação".

Quando o Espírito está assim livre para dirigir, haverá espontaneidade em ensino, pregação, adoração e intercessão.

A maioria de nós reconhece que o ministério do Espírito Santo tem sido extensamente apagado pela introdução de rituais e de liturgia. O uso de orações impressas, de mensagens estereotipadas para certos dias do "calendário da Igreja", de uma ordem de trabalho pré-determinada que tem de ser

seguida sem variação são coisas que limitam o Espírito Santo nas reuniões das igrejas locais.

Mas temos que vigiar contra os meios mais sutis de apagar o Espírito. Por exemplo, temos que vigiar contra regras feitas pelos homens nas nossas reuniões de adoração. Em alguns lugares, há uma lei baseada nos costumes que diz que não deve haver ministério antes do partir do pão. Ou que a reunião não deve passar de uma certa hora. Ou que em adoração não devemos dar muita ênfase aos nossos pecados e desmerecimento. Ou que devemos sentar ou ficar de pé quando orando ou cantando. Todas as regras deste tipo apagam o Espírito de adoração espontânea e levam ao formalismo.

Muitas vezes consideramos alguém como um ofensor por causa de uma palavra. Talvez um crente novo expresse gratidão a Deus por ter morrido por ele. Ele deve ser repreendido por isso? Todos nós sabemos que Deus Pai não morreu. E, sem dúvida, o crente novo também sabe. Mas, no constrangimento de tomar parte publicamente, ele é capaz de expressar-se deficientemente. Ele deve ser envergonhado do seu primeiro ato vacilante de adoração pública? Não é melhor ouvir sua sincera, embora faltosa, adoração do que ouvir coisa alguma?

Geralmente falando, acreditamos que o Espírito Santo vai dirigir a adoração do Seu povo, de acordo com um certo tema. Mas vamos supor que um irmão escolhe um hino para ser cantado que parece não estar relacionado com o tema que está sendo seguido. Ele deve ser repreendido por causa

disso? Não é melhor cantar o hino e orar para que ele vá crescendo para discernir o tema de uma reunião, sem tomar nenhuma atitude com ele que venha fazer-lhe perder seu calor e afeição para com o Senhor?

Isto nos faz lembrar de um certo pregador a quem perguntaram: “Que faria o irmão se alguém escolhesse um hino para ser cantado e que não estivesse no Espírito?” Ele replicou: “Eu o cantaria no Espírito”.

Enquanto procuramos dar o lugar apropriado ao Espírito Santo em cada igreja local, tomemos cuidado com regras que O apagam e que matam a espontaneidade e a adoração não afetada.



CAPÍTULO 8

CADA IGREJA É INDEPENDENTE E RESPONSÁVEL A CRISTO

Há outro princípio na Palavra de Deus que nos deve guiar em relação à igreja local, a saber, que cada igreja local é independente e responsável somente a Cristo. Em o Novo Testamento não existe tal coisa como uma denominação, uma federação de igrejas ou um círculo de comunhão. Não existe uma sede na terra exercendo autoridade sobre as igrejas locais.

A sede da Igreja está onde está o Cabeça, isto é, no céu.

Toda igreja local deve cuidadosamente evitar qualquer coisa que poderia levar a um controle centralizado na terra.

Esta centralização é o mal que tem acelerado a expansão do modernismo. Os liberais se têm apoderado das sedes das denominações e dos seminários. Eles sabiam que, se pudessem controlar as sedes, eventualmente poderiam controlar todas as igrejas.

A formação de um grupo central resulta muitas vezes da pressão do governo ou de um desejo de obter certos benefícios do governo. Mas a centralização torna mais fácil para os governos totalitários suprimirem a Igreja. Se capturarem alguns líde-

res denominacionais, podem controlar as atividades da denominação inteira.

A vontade de Deus é que cada igreja local seja uma unidade independente, diretamente responsável ao Senhor Jesus. Isto obstrui a propagação do erro e possibilita a Igreja se reunir oculta-mente em tempos de perseguição.



CAPÍTULO 9

A FUNÇÃO DOS DONS NA IGREJA

Já falamos brevemente sobre o papel dos dons na igreja. Realmente, todo crente tem algum dom, alguma função especial no Corpo de Cristo. Em adição, há dons do serviço especial de evangelista, pastor e mestre (Efésios 4.11). Os dons mencionados em segundo lugar foram dados para ajudar todos os santos a encontrarem seus dons e a exercitá-los. Foram dados para edificar os santos para o serviço do ministério e, assim, para a edificação do Corpo de Cristo.

Com isto está claro que o serviço do ministério não é para uma classe especial de crentes, mas para todo o povo de Deus.

O serviço dos dons especiais de Efésios 4 é de edificar os crentes ao ponto de poderem continuar por si mesmos e, em seguida, mover-se para outras localidades. Em outras palavras, os santos não devem tornar-se perpetuamente dependentes destes dons. Pelo contrário, estes dons devem mostrar seus efeitos o mais breve possível e depois mudar-se para novas áreas de atividade. Do mesmo modo como os pais começam a ensinar as crianças a tomarem conta de si mesmas, estes dons também devem ensinar os novos em Cristo.

Agora surge uma pergunta: "Por quanto tempo um dom deve permanecer numa igreja local?" Há somente uma resposta possível para esta pergunta: o tempo suficiente para desenvolver os santos a servir. Paulo só ficou em Tessalônica "por três sábados" (Atos 17.2), mas ali deixou uma igreja nascente, que provinha suas próprias necessidades e que tinha direção e propagação autônoma. Quanto ao relato histórico, sua maior estada num só lugar foi os três anos que passou em Éfeso (Atos 20.31). Não é exatamente uma questão de quanto tempo um homem fica em um só lugar, mas o seu motivo de ali ficar. O que é que ele está tentando fazer? Está tentando preparar os santos a continuarem sozinhos?

Com referência a isto, estes dons precisam vigiar contra a tendência natural de tomar abrigo, de tomar um compromisso vitalício para ficar em um só lugar. Isto é verdade tanto para os missionários de fora quanto para os trabalhadores em sua terra natal. Eles precisam ficar móveis. E também, precisam vigiar contra outro perigo sutil que é o sentimento que os santos não poderiam continuar sem eles. Quando eles estão ausentes, a frequência cai e, por isso, pensam que não podem sair. Eles têm medo que a igreja inteira se desintegre. Pensar que somos indispensáveis nos proporciona um certo orgulho. E, às vezes, ficamos ressentidos por pensar que não somos necessários num certo lugar. Realmente, deveríamos regozijar-nos quando esta hora chegasse.

Falando em dons, há outra coisa que deve ser mencionada. Em o Novo Testamento, estes dons eram carismáticos e não profissionais. Com isto queremos dizer que esses dons eram de homens que foram soberanamente dotados pelo Espírito Santo, sem consideração quanto ao seu treinamento ou à sua ocupação. Por exemplo, o Espírito vinha e equipava um pescador para ser um evangelista. Ou talvez Ele tomasse um pastor de ovelhas para ensinar a Sua Palavra. Ou talvez preparasse um carpinteiro para exercer um ministério pastoral entre os santos.

Não há nenhuma sugestão em o Novo Testamento que indique que o treinamento profissional pode fazer com que um homem seja um dom para a igreja. A idéia de que somente os homens que já estão convencionalmente formados na Palavra é que têm as qualidades de ministrar é repugnante. A instrução pode ser útil ao crente para melhor entender as Escrituras, mas nenhuma quantidade de instrução pode fazer com que um homem seja um evangelista, um mestre ou um pastor. E sempre existe o perigo do profissionalismo. Se nos aproximamos das Escrituras de um ponto de vista filosófico, a instrução pode ser então uma coisa muito enfraquecedora e perigosa.



CAPÍTULO 10

A IGREJA LOCAL

Quando é que uma igreja local é verdadeiramente uma igreja do Novo Testamento? Quando a maioria dos seus membros for formada de crentes verdadeiros? Mesmo se somente uma minoria é de crentes verdadeiros? Qualquer caso onde os crentes estejam reunidos em o Nome do Senhor? O que é que qualifica um grupo para ser considerado uma igreja local?

Realmente, o Novo Testamento não declara por meio de regras rigorosas aquilo que vem a ser uma igreja local. Afirma que, onde dois ou três estão reunidos em o nome de Cristo, Ele está no meio (Mateus 18.20). As Escrituras supõem que aqueles que compõem a igreja local são crentes, porém é também reconhecido que descrentes às vezes são incluídos sem que sejam percebidos (Atos 20.29, 30). O Novo Testamento também parece supor a presença de anciãos e diáconos na igreja local normal (Filipenses 1.1). Mas, além disso, não há meio final para dizermos que certos grupos cristãos são igrejas de acordo com o Novo Testamento e outros não. Podemos ficar gratos por não semos os juízes destes casos.

Se um grupo professa ser uma igreja local cristã deve manifestar a verdade da Igreja universal.

Deve ser uma miniatura, uma réplica do Corpo de Cristo. Deve apresentar um retrato vivo da Igreja do Deus vivo.

Ora, a situação entre igrejas locais no mundo, hoje, é esta. Algumas igrejas locais representam a Igreja universal defeituosamente. Outras fazem a representação de uma maneira mais correta. Nenhuma tem uma representação perfeita. O que temos é uma grande variedade de igrejas com todos os graus diferentes de semelhança à Igreja universal. É óbvio que algumas igrejas não têm qualquer direito de serem consideradas igrejas cristãs. Estou pensando naquela igrejas liberais, por exemplo, que negam todas as doutrinas fundamentais da fé.

Mas também temos uma grande variedade de igrejas que reconhecem Jesus Cristo como único Senhor e Salvador. Algumas são mais evangélicas do que outras. Quem pode dizer onde está a linha que divide aquelas que são igrejas do Novo Testamento daquelas que não o são? Temos que deixá-las com o Senhor. A nossa responsabilidade é edificar de acordo com o modelo, isto é, dar uma verdadeira imagem da Igreja em nossa própria igreja local.

Certamente, nenhuma igreja local tem alguma razão de sentir-se orgulhosa. Se pudéssemos ver-nos como o Senhor nos vê, provavelmente murcharíamos e morreríamos. O orgulho espiritual é, em si, uma negação da verdade que estamos procurando manter.

CONCLUSÃO

A que devemos ser leais? Mais uma vez, enfatizamos que devemos ser leais às Escrituras e não a uma denominação ou a um círculo de comunhão. Em caso de dúvidas, temos que constantemente testar todas as coisas pela Bíblia e agir de acordo com ela.

Certamente, haverá um preço a pagar. Seguir os princípios do Novo Testamento custa alguma coisa. Haverá repreensões do mundo e oposição de outros crentes. Mas a nossa responsabilidade é clara. Temos que obedecer a Deus e deixar as consequências com Ele.



EDIÇÕES CRISTÃS
LHE OFERECE
LIVROS
FEITOS COM
AMOR E ORAÇÃO
PARA
BÊNÇÃO E EDIFICAÇÃO.

Solicite nosso Catálogo
no endereço que está nas
primeiras páginas deste livro.

Adquira nossos livros em sua
livraria evangélica ou diretamente
desta Editora pelo serviço de Reembolso Postal.

OUTROS LIVROS QUE RECOMENDAMOS:

DO MESMO AUTOR DESTE LIVRO:

Quebra-me, Senhor!

O dia em que Jesus veio a minha casa

Onde está o teu tesouro?

Cristo amou a Igreja

PARA O PREGADOR:

200 temas bíblicos

200 ilustrações

Mais 200 temas bíblicos

“Se alguém falar...”

SOBRE PROFECIA:

A bendita esperança

O Rei está voltando

O último momento

O porvir

SOBRE BIOGRAFIAS HISTÓRICAS:

Carey, o pai das missões modernas

A rainha branca de Okoyong

Da bruxaria para Cristo

O diário de George Muller

Os reformadores

SOBRE A VIDA CRISTÃ:

Assuntos bem atuais
A tristeza convertida em alegria
A vigilância das paixões carnis
Santidade – a falsa e a verdadeira
Peçam em Meu Nome
O cristão em casa
Quem crê, seja batizado
O treinamento de um pastor

SOBRE ESTUDOS:

A Santa Trindade
A Palavra da Verdade
Rainhas da Bíblia
Será que o cristão deve guardar o sábado?
Cristo nos profetas menores
A compreensão do Espírito Santo
Figuras de Cristo
Personalidades em Gênesis
A criança e a Escola Dominical
O tabernáculo

PARA JOVENS:

Palestras com os rapazes

